



A Globalização Econômica e o Brasil na “Aldeia Global”

Waldecyr Rosa da Silva*

RESUMO

Neste artigo, elaborado na segunda quinzena de julho de 2.000, o autor procura contextualizar a globalização econômica, como sendo a expressão de maior influência e abrangência do processo globalizante do mundo de hoje, e cujos reflexos, ele destaca, vão desde a identificação do oligomonopólio econômico-financeiro internacional, até a ameaça de esfacelamento das economias em desenvolvimento dos *países periféricos*. Procura, ainda, apresentar propostas para neutralizar o *lado sombrio da globalização econômica*, discutindo, sobretudo, como pode o Brasil reverter a situação de paciente do atual processo, para tornar-se agente participante em benefício do Estado-nação.

PALAVRAS-CHAVES

Globalização, Estado-nação, autonomia nacional.

Globalizar é a arte de os poucos muito ricos dominarem os muito pobres da aldeia global.

No contexto da globalização, a economia desponta como a poderosa vilã, gerenciadora impiedosa do processo devastador de dominação do mercado econômico-financeiro internacional.

A globalização econômica é o processo por meio do qual se expande o mercado internacional, sobrepondo-se às fronteiras

nacionais. Trata-se, portanto, da continuação do processo de internacionalização do capital que, iniciado com a extensão do comércio de mercadorias e serviços, passou pela expansão dos empréstimos e financiamentos e, em seguida, generalizou o deslocamento do capital industrial via desenvolvimento das multinacionais.¹

* Major Médico e de Estado-Maior

¹ IANNI, Octávio - *Teorias da Globalização*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1994 e COUTINHO, L. - *Nota sobre a natureza da Globalização*, em *Economia e Sociedade* - IE/UNICAMP, Campinas, JUN, 1995.

Do ponto de vista histórico, a presente situação mundial do sistema monetário implantado advém de uma mudança que ocorreu, especialmente, desde agosto de 1971, quando o mundo abandonou um sistema erigido pelo Presidente Franklin Roosevelt, o antigo Sistema de Bretton Woods.² Durante a vigência deste, foram praticadas muitas injustiças, especialmente contra as nações em desenvolvimento, mas o sistema em si funcionou, com algumas reservas, até meados dos anos de 1960. Em 1971, o Presidente Richard Nixon tomou as primeiras medidas para trocar as taxas de câmbio fixas, ou *taxas de câmbio fixas ajustáveis*, por um sistema de taxas flutuantes. Desde aquela época, o progresso que havia nos Estados Unidos da América, na Europa e em outros lugares, em certo grau, no sistema monetário do pós-guerra terminou. E, desde 1971-72, na verdade, o mundo em geral empobreceu. Estamos vivendo do antigo investimento de capital, do capital físico real do passado, e exaurindo-o totalmente.

A ECONOMIA GLOBALIZADA – O NOVO MODELO

Atualmente, os agentes dessa hegemonia do *capitalismo financeiro*, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e o *Grupo dos Sete*,^{*} vêm, de forma magistral, impondo, arditamente, as regras do jogo do novo modelo da economia globalizada, ou da *terceira via*, de Tony Blair e seus asseclas, onde todos

são convidados para participar, porém muito poucos têm garantida, antecipadamente, a oportunidade de ganhar, restando aos infelizes e desvalidos perdedores, ao duplo prejuízo de amargar a derrota injusta e acumular uma dívida imposta, cujo resgate, incalculável, exige o sacrifício da sua própria soberania.

Aliás, essa situação lembra a Alemanha de 1923, quando o país, a fim de pagar as dívidas impagáveis do sistema de Versalhes, imprimia dinheiro em gigantesca escala. Isso sangrava a economia alemã e a ameaçava com uma explosão potencialmente hiperinflacionária, o que acabou acontecendo, em outubro daquele ano, quando o marco alemão quebrou.

Apesar de bem-sucedido no campo econômico, Michel Camdessus quando Diretor-gerente do FMI não foi nada feliz nos seus ensaios de clarividência, ao prognosticar uma *recuperação financeira global*, haja vista o que afirmou o próprio presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn³, ao fazer contundentes observações:

...metade da população mundial vive com menos de dois dólares diários e mais de um bilhão de pessoas vive com menos de um dólar diário; na Rússia, 45% da população está abaixo da linha de pobreza; na África, há 22 milhões de aidéticos e a doença acabou com o ganho na expectativa de vida dos últimos vinte anos em vários países. É uma devastação.

Ao mesmo tempo, segundo um comunicado do chamado Grupo dos 24 (G-24), *as perspectivas econômicas globais*

² Idem, conferência para o Colégio de Contadores Públicos de Lima, Peru, em 25 de fevereiro de 2000.

³ Idem, trecho da entrevista à imprensa internacional, em 21 de outubro de 1999.

* NR. Atualmente o G-8, o Grupo dos Sete mais a Rússia.

e os mercados financeiros melhoraram nos últimos meses, diminuindo muito o antigo medo de recessão e explosão financeira mundial. O maior desafio para a comunidade internacional é desenvolver uma estratégia amigável ao mercado.

Nesse caso, só resta saber quem está sendo sincero o bastante para proteger os *al-deões globalizados* de um desastre maior.

O ex-presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, já dizia, com muita propriedade, que, *embora seja possível enganar todos por algum tempo e alguns por todo tempo, não se pode enganar todos por todo tempo.* Hoje, essa constatação se mostra em sua plenitude no desastroso desarranjo em que se encontra o sistema econômico-financeiro dos tecnocratas das ciências econômicas a serviço da oligarquia anglo-americana. Analistas políticos identificam que há estremecimentos entre importantes setores das lideranças políticas da Europa continental, em especial, da Alemanha, França e Itália, que começam a posicionar-se criticamente frente à globalização e seus devastadores efeitos socioeconômicos. Tais *estremecimentos*⁴ são visíveis nas crescentes divergências entre os social-democratas europeus continentais e o primeiro-ministro britânico Tony Blair, demonstradas na última reunião da Internacional Socialista, no início de novembro de 1999; nas divergências entre o primeiro-ministro Tony Blair e seus colegas, alemão, francês e italiano, respectivamente, Gerhard Schroeder, Lionel Jospin e Massimo D'Alema, na conferência sobre *governança progressista*, realizada em Florença, em 21 de novembro, desse mesmo ano, onde este-

ve presente o Presidente Fernando Henrique Cardoso; nas diversas manifestações públicas do Primeiro-Ministro francês Jospin sobre a necessidade de retomada do papel dirigente do Estado nacional na economia.

Infelizmente, até agora, as promessas proferidas pelos arautos da globalização - modernização, competitividade, dinamismo e justiça social para quem aderir às maravilhas do *livre comércio* - ainda estão longe de se tornar realidade. Ao invés disso, comenta enfaticamente o Dr. Lyndon LaRouche, presidente do Movimento de Solidariedade Ibero-americano, *o que temos visto em toda parte é a mais brutal devastação das economias reais que se tem notícia na História recente, acompanhada de um cruel retrocesso dos níveis de bem-estar e das perspectivas de futuro das populações de praticamente todos os países do planeta. Somando-se a isso, no rastro da depressão socioeconômica e da deterioração dos sistemas de saúde pública, velhas doenças epidêmicas anteriormente controladas ressurgem com virulência inusitada, juntando-se a novas epidemias como a AIDS, configurando um cenário de holocausto biológico que só encontra paralelo na Peste Negra do século XIV*⁴.

Pois bem, o que fazer, então, diante de uma crise sistêmica, cujos efeitos se alastram de forma irreversível, apontando para o desastre inevitável do modelo econômico-financeiro atual?

Hoje, segundo analisa o Professor Marcos Coimbra⁵, quem quiser saber como é possível se esquivar aos efeitos deletérios da globalização econômica, deve observar cui-

⁴ Economista Lyndon LaRouche, presidente do Movimento de Solidariedade Ibero-Americana, Vol VII, nº 19.

⁵ Professor Titular de Economia na Universidade Cândido Mendes, Professor na UERJ e Conselheiro da ESG.

dadosamente o exemplo da China, esse gigante da bacia do Pacífico, que tem permanecido à margem desse furacão que tem varrido o mercado financeiro internacional, adotando medidas como a *inconvertibilidade da sua moeda e o banimento dos parassitários mercados de derivativos*. E como isto tem sido viável? A resposta é simples: utilizando o poder do Estado nacional soberano na defesa dos seus interesses.

A defesa do Estado nacional é um dos elementos-chaves para enfrentar as ameaças do espírito globalizante que sopra, de Norte a Sul, sobre os hemisférios. A prática do liberalismo econômico impulsionou no mundo a difusão dos processos de desregulamentação do Estado e de privatização que, da forma intempestiva e desordenada como têm sido aplicados, estão gerando o desmantelamento do aparelho estatal e, conseqüentemente, deixando o Estado vulnerável à sanha de *predadores internacionais*, que acabam despertando, enganosamente, anseios paranóicos de utilizar e consumir o *essencial para alcançar o acessório!*

Por sua vez, o fortalecimento de Estados-nações, estrategicamente associados por interesses comuns, pode se transformar numa medida igualmente eficaz. O MERCOSUL, por exemplo, é um em-

brão na América do Sul, que pode, amadurecido, vir a ser nossa tábua de salvação como continente globalizado. O fato de nos tornarmos globalizados, não pode significar, em momento algum, sob quais-

quer circunstâncias, que perdemos a nossa soberania. Temos, isto sim, que nos aperfeiçoar, o máximo possível, no sentido de estabelecer não apenas o patamar de desenvolvimento econômico-financeiro desejável para a nossa sobrevivência, mas, sobretudo, o fortalecimento dos valores sociais e culturais de povo livre e soberano, capazes de sustentar uma infra-estrutura nacional, que permita a garantia dos nossos Objetivos

Nacionais Permanentes, pilares inabaláveis do Estado-nação.

Mais recentemente, o Japão, após uma tentativa frustrada por pressões do Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Lawrence Summers, conseguiu numa reunião decisiva com os parceiros da Associação dos Países do Sudeste Asiático (ASEAN), fortalecido pela China e a Coréia do Sul, firmar um compromisso no sentido de criarem um Fundo Monetário Asiático, para se protegerem do inevitável colapso do sistema financeiro internacional. Segundo alguns analistas, um golpe mortal contra o *pacto trilateral* entre os Estados Unidos, a Europa e o próprio Japão⁶, que deixa explícita a sua insegurança nessa aliança. Na ver-

⁶ Economista Lyndon LaRouche.

dade, uma resposta exemplar e tremendamente eficaz contra a ameaçadora globalização anglo-americana, que deseja fazer do mundo o seu fundo de quintal.

O apelo do *Comitê Ad Hoc* por uma nova Bretton Woods, criado pelo Instituto Schiller⁷ e publicado em julho p.p. nos Estados Unidos e na Europa, revela, de forma contundente, os riscos da conjuntura globalista adotada nos dias atuais, de acordo com a constatação que se segue:

Longe de promover um crescimento real e o desenvolvimento da economia mundial, a chamada globalização tem-se mostrado na realidade como uma forma descontrolada de capitalismo predatório, o qual alargou o abismo entre os instrumentos financeiros e a economia real, por um lado, e entre ricos e pobres, pelo outro, de maneira intolerável, nos níveis nacional e internacional.

O BRASIL NA ALDEIA GLOBAL

E quanto ao Brasil, esse gigante adormecido em berço esplêndido? É hora de acordar, de agir, de revelar a sua latente pujança. É preciso oxigenar o ambiente nacional com discussões sobre a economia real, a economia que cria riquezas. Redirecionar nossa visão no contexto de um mundo moderno e dinâmico em transformações, que exige de nós o aperfeiçoamento continuado em todas as áreas do conhecimento.

⁷ Website: www.schiller-institut.de

Em tecnologia da informação, por exemplo, o País tem grandes possibilidades para se inserir ativamente no mercado internacional. Podemos destacar quatro pontos dessa inserção, muito caros à sociedade de informação e que já estão bem encaminhados no Brasil, quais sejam: as telecomunicações, com tecnologia de ponta no setor; uma rede de fibras óticas, que ultrapassa os 25.000km por via terrestre; um crescente número de usuários (internautas mais de 8 milhões) e recursos humanos de sólida formação acadêmica. Além disso, o Brasil garantiu, também, sua presença no Protocolo da Internet 2.

Outro segmento tecnológico bastante promissor é o da indústria aeroespacial: o Instituto Nacional de Pesquisa Aeroespacial - INPE, a Empresa Brasileira Aeroespacial - EMBRAER e o Centro Tecnológico da Aeronáutica - CTA, que vêm marcando presença significativa no mercado global. Haja vista a exportação e liderança do BEM-145, a cooperação espacial com a China, a participação no Projeto da Estação Espacial Internacional e o estabelecimento do Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão, mostram que a opção nessa área de investimento pode ser um caminho viável para uma conquista sólida no mundo globalizado.

Há necessidade do estabelecimento de um *projeto nacional*, expressão um tanto em desuso nesses tempos globalizados, mas que ainda representa, talvez, o melhor caminho para o verdadeiro desenvolvimento dos países e de sua gente, com o estabelecimento de uma pauta de metas compartilhadas

Há necessidade do estabelecimento de um projeto nacional, expressão um tanto em desuso nesses tempos globalizados, mas que ainda representa, talvez, o melhor caminho para o verdadeiro desenvolvimento dos países e de sua gente

pelas elites dirigentes e a população em geral. O fortalecimento desse binômio dirigentes-população, no sentido de buscar promover o *Bem Comum* da Nação e garantir a sua real soberania é, indubitavelmente, a solução para sobreviver a essa nova forma de feudalismo mundial que, segundo alguns *mais entendidos*, veio para ficar.

Finalmente, é imprescindível considerar que o processo de descolonização, nestes dois últimos séculos, conquistado pela gloriosa luta de independência dos nossos destemidos guerreiros, ainda carece de sua consolidação, com a conquista da *autonomia nacional*, ou seja, a liberdade incondicional, expressão máxima de soberania, de quem não se submete à sanha de organismos internacionais, cujos interesses escusos são o de favorecer a insânia globalista da *elite predatória dominante*. No entendimento do ex-Ministro da economia do Canadá, Walter Gordon⁸, *a independência econômica anda de mãos dadas com a independência política. Ao desejar a independência, não somos diferentes dos outros povos, como os Estados Unidos da América. Alguns podem chamar isso de nacionalismo e é o que realmente é: respeito, lealdade e entusiasmo pelo próprio país, além de legítimo otimismo e confiança em relação ao seu futuro.*

CONCLUSÃO

O Estado-nação, entendido como categoria histórica e instituição política, econômica e social, diante da crise geral do sistema econômico-financeiro, está ameaçado. É preciso optar por novas políticas em suas

relações com o poder. Estabelecer um modo peculiar de participação no cenário internacional, buscando manter e reforçar, em todas as expressões do poder (política, psicossocial, militar, científico-tecnológico e econômico), a substancialidade e a essencialidade da autonomia nacional em oposição ao desajustado e inoperante princípio da *universalidade abstrata*, dissimulado de globalização, cuja ideologia é o liberalismo.

Diante disso, torna-se impositivo o estabelecimento de uma política de governo para a construção e progressão de um sistema econômico nacional, onde sejamos acreditados e considerados viáveis pela pujança geográfica e pelo potencial de crescimento sustentado de que dispomos.

A inserção ativa do Brasil no mercado mundial deve ser complementada por uma política nacional que vise à participação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, no sentido de prover as empresas nacionais com créditos que garantam a sua sobrevivência diante da concorrência do mercado internacional, e que incentive as áreas de maior desenvolvimento tecnológico global, representadas pela telemática e pela informática, a fim de possibilitar o deslocamento espacial das fases de produção e reduzir tempo e espaço no processo de comercialização.

Ceder, passiva e indiferentemente, a ilusória *inevitabilidade de globalização*, no seu sentido predatório, é no mínimo uma atitude reprovável de risco e extremamente pernicioso para o futuro de quem tem, como Nação, tudo para conquistar e ocupar posição de destaque no cenário internacional, no milênio que se inicia. ☉

⁸ Gordon, Walter - ex-Ministro das Finanças do Canadá, em *A choice for Canada Independence or colonial status*. Toronto, 1996.